

A FABRICAÇÃO DO HUMANO

Psicanálise, Subjetivação e Cultura

Joel Birman
Daniel Kupermann
Eduardo Leal Cunha
Leopoldo Fulgencio

ORGANIZADORES

A FABRICAÇÃO DO HUMANO

Psicanálise, Subjetivação e Cultura

CONSELHO EDITORIAL

Ana Lila Lejarraga – *Universidade Federal do Rio de Janeiro*
Leonardo Niro Nascimento – *Centre for Psychoanalytic Studies – University of Essex*
Richard Simanke – *Universidade Federal de Juiz de Fora*
Rita Sobreira Lopes – *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*
Tânia Vaisberg – *Pontifícia Universidade Católica de Campinas*
Yvette Piha Lehman – *Instituto de Psicologia da USP*

Copyright 2014 © by Joel Birman et al.

Todos os direitos desta edição reservados à Zagodoni Editora Ltda. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja qual for o meio, sem a permissão prévia da Zagodoni.

EDITOR

Adriano Zago

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Givaldo Fernandes

IMAGEM DA CAPA

Jens Froemert

email: info@area-f.de

REVISÃO

Michele Freitas

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F121

A fabricação do humano : psicanálise, subjetivação e cultura / organização Joel Birman ... [et al.]. - 1. ed. - São Paulo : Zagodoni, 2014.
160 p. ; 23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-64250-82-6

1. Psicanálise. 2. Sociologia. 3. Ciências sociais. I. Birman, Joel. II. Título.

14-10144

CDD: 150.195

CDU: 159.964.2

[2014]

ZAGODONI EDITORA LTDA.

Rua Brigadeiro Jordão, 848

04210-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 2334-6327

contato@zagodonieditora.com.br

www.zagodonieditora.com.br

Sobre os Autores

Joel Birman (ORG.)

Professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor adjunto do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, além de pesquisador do CNPq. Médico e Psicanalista, é membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos e do *Espace Analytique*, de Paris. É autor de diversos livros, publicados no Brasil e no exterior, dos quais se destacam: *Mal-estar na Atualidade*, *Arquivos do mal-estar e da resistência*, *Cadernos sobre o mal* e *O sujeito na contemporaneidade* (2013), tendo este último recebido os Prêmios Jabuti e Biblioteca Nacional.

Daniel Kupermann (ORG.)

Professor doutor do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, psicanalista membro da Formação Freudiana (RJ). Autor de vários artigos publicados em revistas especializadas nacionais e estrangeiras e dos livros: *Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições*, *Ousar rir: humor, criação e psicanálise* e *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*.

Eduardo Leal Cunha (ORG.)

Professor associado do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe. Psicó-

logo e psicanalista, membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos e autor de vários artigos publicados em revistas especializadas e dos livros *Indivíduo singular plural: a identidade em questão* e *O adultério em dez lições*.

Leopoldo Fulgencio (ORG.)

Professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Psicólogo e psicanalista, é autor de vários artigos publicados em revistas especializadas nacionais e estrangeiras e dos livros: *O método especulativo em Freud e Freud na Filosofia Brasileira* (com Richard Simanke).

Daniel Menezes Coelho

Professor adjunto IV do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe. É psicólogo e psicanalista. Possui mestrado e doutorado em Teoria Psicanalítica (UFRJ).

Isabel Fortes

Professora adjunta da Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida (RJ) e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos e autora de vários artigos publicados em revistas especializadas nacionais e estrangeiras e do livro *A dor psíquica*.

Maurício Rodrigues de Souza

Professor adjunto do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, onde atua na Graduação em Psicologia e nas Pós-Graduações em Psicologia e Filosofia. É autor do livro *A Igreja em Movimento: catolicismo carismático e identidades religiosas na Amazônia* e de capítulos e artigos publicados em livros e periódicos no Brasil e no exterior.

Paulo de Carvalho Ribeiro

Professor doutor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG. Autor de vários artigos publicados em revistas especializadas no Brasil e na França e dos livros: *O problema da identificação em Freud* (2000) e *Imitação: seu lugar na Psicanálise*.

Rogério Paes Henriques

Professor adjunto do Departamento de Psicologia, professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, tutor da Residência Mul-

tiprofissional em Saúde do Adulto/Idoso e coordenador da Residência Multiprofissional em Saúde Mental do Hospital Universitário, na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Autor do livro: *Psicopatologia Crítica: guia didático para estudantes e profissionais da psicologia*, financiado via edital.

Simone Perelson

Professora adjunta do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica e da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Psicanalista, é membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos. Autora, além de vários artigos publicados em revistas especializadas, do livro: *A dimensão trágica do desejo* e coorganizadora, junto com Isabel Fortes e Joel Birman, do livro: *Um novo lance de dados. Psicanálise e medicina na contemporaneidade*.

Apresentação

Esta obra pretende abordar diversas montagens da subjetividade presentes no mundo contemporâneo, procurando mostrar de que maneira o homem se constitui e é constituído pelo mundo em que vive; mais ainda, de que modo os discursos procuram dar um sentido a este mundo e às existências pessoais, sejam os discursos da ciência, da filosofia, da política, da biopolítica, ou ainda aqueles acerca das individualidades.

O leitor encontrará a seguir uma série de ensaios produzidos pelos componentes do Grupo *Psicanálise, subjetivação e cultura contemporânea*, da Associação Nacional de Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), coordenado pelos professores doutores Joel Birman e Eduardo Leal Cunha, reunindo pesquisadores que nos últimos anos vêm buscando a construção de um diálogo permanente em torno da leitura psicanalítica sobre a cultura, com ênfase especial na consideração de formas contemporâneas de sofrimento psíquico a partir das categorias freudianas de *mal-estar* e de *desamparo*. Nesse percurso, no qual são apresentados os primeiros resultados dessa interlocução entre pesquisadores de diferentes instituições, estabelecidos em diversas regiões do país e mesmo com perspectivas teóricas e metodológicas díspares, procura-se discutir os vínculos entre a teoria e a clínica psicanalítica e suas condições sócio-históricas, seja no que se refere aos vínculos de Freud¹ com o pensamento moderno, seja através de uma reflexão sobre o impacto das transformações culturais na

psicanálise. Para isso, a partir de diferentes eixos de pesquisa, seus integrantes têm ainda recorrido à interlocução da psicanálise com outras disciplinas, como a filosofia, e com diferentes campos de atuação, como a saúde coletiva e a psicologia social.

O capítulo de abertura intitulado “Os paradigmas em psicanálise”, que compõe a Parte I, “Modulações da fabricação do humano”, é de autoria de Joel Birman, que parte da diferença entre as instituições científicas e psicanalíticas, a fim de enfatizar o funcionamento, nas instituições psicanalíticas, de um mecanismo de exclusão que atinge o paradigma perdedor. Birman demonstra que esse mecanismo se produz como compulsão a repetir, na qual está em jogo a transferência e um desejo de autonomia e soberania, que sempre coloca em questão quem é o representante legítimo da tradição. Birman defenderá ainda que as diversas escolas devem ser pensadas a partir da ideia de paradigma, o que o leva a concluir que são marcadas pela incomparabilidade; os grandes nomes da história da psicanálise surgem não sob a perspectiva da disputa, mas sob a perspectiva do problema ao qual respondem. Cada projeto teórico-clínico relaciona-se a uma forma de mal-estar referido, por sua vez, às linhas de força traçadas pelas configurações disciplinares e biopolíticas presentes.

Em seguida, apresentamos outras duas partes: uma agrupando análises dedicadas às questões relativas às *identidades e aos modos de subjetivação*, e outra, à *clínica psicanalítica na contemporaneidade*.

A Parte II é inaugurada com as reflexões de Eduardo Leal Cunha em “A dupla face do desmentido na atualidade: entre o aniquilamento do outro e a felicidade em simulacro”, em que é desenvolvida a crítica ao uso da categoria de perversão em textos psicanalíticos recentes voltados à análise da cultura e da sociedade contemporâneas que destacam o mecanismo do desmentido, proposto por Freud no texto sobre o fetichismo. Demonstrando como o conceito de desmentido não se esgota no registro da perversão, e destacando, por outro lado, o vínculo necessário entre o desmentido e a relação com a realidade – sobretudo em uma cultura marcada pelo registro do simulacro –, Cunha questiona a associação que parece estabelecer-se automaticamente entre desmentido, perversão e maldade, utilizando-se para isso de dois personagens – ou tipos-ideais – que parecem marcar as formas contemporâneas de subjetivação: o predador e o perdedor.

Isabel Fortes, em “A função da dor na apropriação do corpo”, dedicou-se a demonstrar que a dor comparece como um elemento importante para a compreensão da constituição corporal na perspectiva da obra freudiana. A análise feita por Freud no ensaio “O ego e o id”, de 1923, descreve a dor como um índice que sinalizaria a presença do corpo. Por meio da dor o eu pode adquirir a percepção geral do espaço corpóreo. Fortes valorizou, em sua leitura, o caráter fragmentário do corpo, uma vez que é no registro do órgão,

¹ Neste livro optamos por padronizar a citação de Freud, de modo que a referência a seus textos é sempre a mesma em todos os ensaios, ainda que indiquemos nas referências bibliográficas, qual edição está sendo usada por cada autor. Neste sentido, utilizaremos a classificação estabelecida por Tyson, A. & Strachey, J. (1956). A Chronological Hand-List of Freud's Works. *International Journal of Psychoanalysis*, 37(1), 19-33.

principalmente no contexto da hipocondria, que se conjugam a dor e o corpo. Essa articulação dos dois elementos é também presente no corpo erógeno, entendido como corpo fragmentado. Desse modo, propôs-se uma análise a partir de três eixos: a dor hipocondríaca; a constituição do corpo erógeno; a especificidade do registro do órgão em psicanálise.

Na busca por articulações entre psicanálise e práticas culturais, aqui representadas no encanto promovido pelo cinema, Maurício Rodrigues de Souza propõe, em “Estranhos traslados e traduções: encontros e desencontros em psicanálise”, uma releitura do filme *Encontros e Desencontros*, utilizando-o como interlocutor privilegiado para uma discussão acerca do trato com a alteridade; mais especificamente, para a possibilidade do encontro com o inominável de si mesmo por intermédio de um estrangeiro. Trata-se, para Souza, de um entrelaço dialético entre o estranho mais íntimo e o íntimo mais estranho, este último vinculado ao processo primário, à lógica do inconsciente. Diante disto, Souza defende que, muito embora a não familiaridade de si mesmo apareça geralmente vinculada a uma desconfortável angústia, possamos vislumbrar a expressão da potência construtiva rumo à abertura de sentido.

Rogério Paes Henriques, em “O discurso da medicalização e a saúde como ideal: o que há de novo nos ‘novos sujeitos?’”, reitera a contribuição da psicanálise e de sua noção de sujeito para os estudos sobre a subjetividade. Na contramão da perspectiva que aposta no surgimento de novos “sujeitos somáticos” a partir do deslocamento operado nas formas de subjetivação – de uma concepção psicológica para outra corporal/cerebral –, Henriques afirma, provocativamente, que o que há de novo na contemporaneidade é a emergência não de “novos sujeitos”, mas de um novo ideal ligado à saúde, encarnado pelo discurso do mestre referido à medicalização. Ao nos recordar que o que caracteriza o sujeito psicanalítico é justamente sua inconsistência radical, Henriques propõe que a tentativa contemporânea de fazê-lo consistir identificando-o ao corpo biológico ou a uma parte dele, o cérebro, acaba por reduzi-lo ao eu ideal, ou seja, a mero semblante.

Finalizando a Parte II, Simone Perelson, em “Novas tecnologias reprodutivas: novas versões dos pais?”, aborda três possíveis lugares que a figura do doador anônimo de sêmen pode vir a precariamente ocupar nas novas montagens de filiação viabilizadas pelas tecnologias reprodutivas. São eles: o lugar imaginário de suporte de fantasias; o lugar simbólico de função paterna; e o lugar real de suporte para a constituição de um *sinthoma* tal como este é pensado por Geneviève Morel. A seguir, apoiada na crítica que Michel Tort, dirige à naturalização da concepção que identifica o maternal à relação fusional, alienante e dessubjetivante e o paternal à intervenção separadora, Perelson se debruça sobre a possibilidade de inexistência de relação entre a figura do doador de sêmen e qualquer ordem de paternidade para pensar a

possibilidade de produção de uma filiação e um modo de subjetivação desancorados de qualquer referência paterna.

Daniel Kupermann abre a parte III com “A via sensível da elaboração na clínica psicanalítica: 30 notas de/para uma pesquisa”, no qual procura percorrer os impasses clínicos que obrigaram Freud, a partir do encontro com os casos considerados “graves”, a modificar sucessivamente sua teoria da técnica e a formular o conceito de *elaboração psíquica* (*Dürcharbeitung*). Kupermann indica ainda como, a partir de uma releitura dos problemas inaugurados pelo caso conhecido como “Homem dos Lobos”, a obra de Sándor Ferenczi tem como motivação principal compreender o sentido metapsicológico da elaboração nas análises, bem como explicitar o manejo necessário para a sua realização, permitindo a constituição de um estilo clínico diferenciado, que se oferece como inspiração para o enfrentamento dos impasses da prática psicanalítica contemporânea.

Daniel Menezes Coelho e Joel Birman, em “A transferência na pesquisa em psicanálise – um ponto de vista ético” procuram retomar a questão não a partir do problema da transferência do pesquisador (em relação aos grandes mestres da psicanálise), mas em referência ao problema do pesquisador como depositário da transferência de quem o lê. Desse modo, os autores retomam o próprio processo de conceituação da transferência por Freud: foi a partir dos problemas da influência e da sujeição advindos da prática hipnótica, na qual Freud se formou, que o conceito foi forjado reconhecendo na sugestibilidade, por um lado, uma expressão da sexualidade (e não um fenômeno humano irreduzível) e, por outro, cercando o manejo deste fenômeno com limites éticos que regulassem ou impedissem a sujeição do paciente por seu analista. Por fim, são problematizadas a formação do psicanalista e sua relação com a universidade e com as instituições psicanalíticas.

Paulo de Carvalho Ribeiro, em “Ciúme masculino e identificação feminina recalçada”, demonstra de que modo a associação do ciúme masculino com os mecanismos projetivos e a homossexualidade foi estabelecida por Freud e ainda se mantém como um marco teórico na abordagem psicanalítica do ciúme. Partindo das contribuições freudianas, Ribeiro propõe outra via de reflexão sobre o tema, defendendo a tese de que o ciúme masculino patológico resulta da formação de compromisso entre as forças que impelem o ciumento no sentido de atender às fantasias de ser subjugado e penetrado e aquelas que exigem a capacidade de dominar e penetrar. Algumas formulações de Ferenczi sobre a etapa preliminar às relações de objeto, assim como a teoria da sedução generalizada de Laplanche e as contribuições de Jacques André sobre as origens femininas da sexualidade formam a base dos desenvolvimentos teóricos apresentados. Uma peça teatral de Tennessee Williams e um pequeno relato ficcional sobre fantasias masculinas fazem as vezes de ilustrações clínicas.

No capítulo final, “A necessidade de ser como fundamento do modelo ontológico de homem para Winnicott”, *Leopoldo Fulgencio* propôs um trabalho de análise do desenvolvimento da psicanálise, considerando o conjunto de críticas dirigidas ao naturalismo de Freud e pondo em evidência a proposta winnicottiana de um modelo de homem, saúde, adoecimento e cura, que tem tido sucesso em ultrapassar o modelo naturalista freudiano. Dessa maneira, é possível considerar o método de tratamento psicanalítico como um tipo de relação humana simplificada, cujo objetivo é a conquista, pela pessoa do paciente, de sua autonomia para ser e viver a partir de si mesmo. Esse tipo de compreensão do tratamento psicoterápico psicanalítico também é, para *Fulgencio*, a realização da proposta de construção de uma psicologia científica de base humanista, de acordo com alguns dos pressupostos gerais da fenomenologia, passível de ser, então, considerada como ciência do cuidado.

Com este conjunto de ensaios esperamos fornecer uma série de perspectivas que possam ampliar nosso olhar e nossa compreensão acerca das subjetividades na complexidade dos nossos tempos, reafirmando, ao mesmo tempo, a potência da psicanálise e a atualidade dos seus princípios teóricos e clínicos.

DANIEL KUPERMANN
EDUARDO LEAL CUNHA
JOEL BIRMAN
LEOPOLDO FULGENCIO

Sobre os autores..... 5

Apresentação 8

Parte I Modulações da fabricação do humano

1. Os paradigmas em psicanálise..... 17

JOEL BIRMAN

Parte II Identidades e modos de subjetivação

2. A dupla face do desmentido na atualidade: entre o aniquilamento do outro e a felicidade em simulacro 45

EDUARDO LEAL CUNHA

3. A função da dor na apropriação do corpo 61

ISABEL FORTES

4. Estranhos traslados e traduções: encontros e desencontros em psicanálise 69

MAURÍCIO RODRIGUES DE SOUZA

5. O discurso da medicalização e a saúde como ideal: o que há de novo nos “novos sujeitos”? 83

ROGÉRIO PAES HENRIQUES

6. Novas tecnologias reprodutivas: novas versões dos pais? 95

SIMONE PERELSON

Parte III A clínica psicanalítica na contemporaneidade

7. A via sensível da elaboração na clínica psicanalítica:
30 notas de/para uma pesquisa..... 111

DANIEL KUPERMANN

8. A transferência na pesquisa em psicanálise – um ponto de vista ético 125

DANIEL MENEZES COELHO / JOEL BIRMAN

9. Ciúme masculino e identificação feminina recalçada 136

PAULO DE CARVALHO RIBEIRO

10. A necessidade de ser como fundamento do modelo ontológico de homem para Winnicott 145

LEOPOLDO FULGENCIO

Parte I

MODULAÇÕES DA FABRICAÇÃO DO HUMANO



1

Os paradigmas em psicanálise

Joel Birman

Preâmbulo

O que pretendo realizar neste ensaio é uma leitura sobre o conceito de *paradigma* em psicanálise, que tem sido objeto de múltiplas controvérsias ao longo da história da psicanálise. Estas deram lugar a debates apaixonados e inquietantes, desde os tempos de Freud. Contudo, na solução destas polémicas o que prevaleceu foi a posição soberana assumida pela instituição psicanalítica, que excluía do campo da psicanálise os que sustentavam um outro paradigma face ao que era dominante. Se durante décadas esta *sobrerania* foi exercida apenas no campo da *International Psychoanalytic Association*, onde se condensava o movimento psicanalítico internacional, posteriormente esta inflexão soberana passou a se realizar também no campo lacaniano, que passou a dividir com aquela a *hegemonia* no movimento psicanalítico internacional.

Vale dizer que o que dominou os debates foi a *repetição* (Freud, 1920g) da mesma inflexão soberana, que pretendia solucionar os embates pela *exclusão* dos opositores do paradigma dominante. Assim, tudo se passava como se pelo ato de exclusão do oponente, do movimento psicanalítico, a questão colocada pudesse ser resolvida, de maneira mágica e por um procedimento marcado pela *força*. Esta repetição teve a marca da *compulsão*, caracterizando-se como uma *compulsão à repetição* (*ibidem*), na medida em que todos os signos destas se encontravam presentes, nos contextos históricos de rupturas, no movimento psicanalítico.